

Rebimbocas de investimento

NOVA EDIÇÃO DO *DICIONÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS* DE PAULO SANDRONI
CONTRIBUI PARA O ESTADO DA ARTE DO CAMPO NO BRASIL E PARA A INTEGRAÇÃO
DOS CONCEITOS UTILIZADOS PELOS ESPECIALISTAS

Por Frederico Araujo Turolla

Áreas como a Administração e as Finanças, a Economia e o Direito encontraram no jargão altamente especializado uma notável barreira à entrada. Para quem conhece a visão econômica da concorrência, uma barreira dessa natureza implica o poder de mercado das firmas estabelecidas, que, neste caso, são os profissionais e suas sociedades. O financês, economês ou juridiquês protegem os especialistas contra os iniciantes da mesma profissão e, principalmente, contra a prestação de seus serviços profissionais por indivíduos com formação diferente.

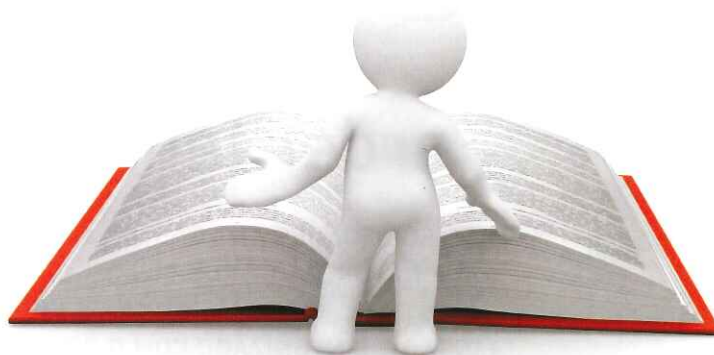
Os profissionais estabelecidos que não dominam o jargão podem, também, ter dificuldade em operar nichos mais rentáveis do mercado. A existência dessas assimetrias é tipicamente responsável pela precificação acima do normal junto ao consumidor quando este não sabe o que está comprando. Muitos mercados de serviços têm essa característica, que deu origem a um famoso comercial onde o mecânico localizava o suposto defeito na “rebimboca da parafuseta”, um símbolo da assimetria informacional e do abuso da linguagem em algumas profissões.

A utilidade de um dicionário sempre foi evidente nesse contexto. O *Dicionário de Administração e Finanças*, de Paulo Sandroni (ganhador do Prêmio Jabuti em 1995 e 2000),

publicado neste ano pela Editora Record em edição revista e ampliada (com mais de 4,5 mil verbetes), é uma ferramenta que melhora as condições de concorrência nos mercados específicos de serviços profissionais, cujo acesso é limitado pelo jargão, freqüentemente hermético.

Essa é apenas uma das utilidades dos dicionários especializados, alguns dos quais são verdadeiras tradições. Internacionalmente, por exemplo, temos o reputado *The New Palgrave Dictionary of Economics*, que ostenta uma história de mais de um século. Editado pela primeira vez em três volumes por Robert Harry Inglis Palgrave, foi publicado em fins do século XIX como *Dictionary of Political Economy*. Em 1925, uma nova versão, chamada *Palgrave's Dictionary of Political Economy*, foi editada por Henry Higgs, em três volumes. Na década de 1980, foi editado em quatro volumes como *The New Palgrave: A Dictionary of Economics*. E neste ano de 2008 foi publicado como *The New Palgrave Dictionary of Economics*, em sua segunda edição, desta vez em oito volumes.

No Brasil, o *Dicionário de Economia* e o *Dicionário de Administração e Finanças* do professor Sandroni também já criaram sua tradição e ajudam a entender os vários termos de negócios



e de finanças usados no país, apesar de a própria fronteira entre essas áreas não ser muito clara.

FORMATO. No que diz respeito à forma, o dicionário segue o padrão tradicional, organizado em verbetes. É o mesmo padrão, por exemplo, do *Barron's Business Guide*, de Jack Friedman, com 7,5 mil definições, e do *Barron's Dictionary of Finance and Investment Terms*, de John Downes e Jordan Goodman, com mais de 4 mil entradas. A série *Barron's* é bem especializada: tem ainda dicionários de negócios imobiliários, seguros, negócios internacionais, *banking* e outros.

Em termos de conteúdo, o autor nitidamente se preocupa em apresentar os conceitos em uma perspectiva histórica. Isso implica a presença de vários termos em inglês e japonês. É um diferencial dessa obra em relação a outras mais preocupadas com o uso prático dos conceitos, sem oferecer os contornos do que é apresentado ao leitor.

Mesmo na “era Google”, em que a informação é abundante via Internet, um dicionário impresso, como o de Sandroni, permanece útil. Constitui compilação integrada e bem cuidada, produzida dentro de um projeto intelectual que requer décadas de dedicação e o apoio de grande número de colaboradores, consultores e pesquisadores, estudantes e professores. E, claro, a versão impressa de uma obra desse tipo também possibilita algo que é certamente caro aos indivíduos das gerações pré-Internet: o indescritível prazer de folhear e, para alguns, sublinhar e rabiscar. ✕

SANDRONI RESPONDE

Por Roseli Morena Porto

Qual é a origem do *Dicionário de Administração e Finanças*?

O primeiro dicionário foi o de Economia. Ao traduzir a obra de Ricardo para a coleção “Os Economistas”, publicada em 1985 pela Editora Abril, encontrei uma linguagem muito complexa e incluí diversas notas explicativas. O editor não autorizou, mas sugeriu que eu lançasse um glossário para os livros da coleção. Com o fim de “Os Economistas”, fiz a primeira revisão do glossário, que passou a ser vendido separadamente, pela primeira vez em 1989. Quando iniciei a segunda edição, juntei material, o que resultou na publicação do *Dicionário de Administração e Finanças*, publicado em 1996.

Quais foram suas fontes de pesquisa?

Livros. Eu freqüento muitas bibliotecas, como a da FGV-EAESP, uma das melhores, a Biblioteca Municipal, que possui raridades, e a biblioteca da PUC-SP. Para fazer a obra, ainda contei com apoio de cerca de 90 pessoas, todas citadas na obra. Na verdade, o *Dicionário* é uma obra coletiva.

Qual é a opinião dos economistas sobre o *Dicionário*?

Eles aceitam porque o *Dicionário* não é para especialistas nem para graduados. Atende os dois públicos. A maioria dos economistas usa conceitos complicados, que só são entendidos por pessoas do meio. Mas quando você está falando com um leigo, tem de usar outra linguagem. Para ser entendido, é necessário simplificar, sem tirar o essencial.

Qual será o futuro dos dicionários com a Internet?

A Internet também é um meio de adquirir conhecimento. A vantagem do dicionário impresso são os verbetes já filtrados, o que na Internet é demorado e complicado de obter, pela quantidade de informação. O futuro será transformar o dicionário impresso em *on-line*. A nova geração está mais acostumada com essa forma. Em relação aos direitos autorais, confesso que teremos de estudar outra forma.

Veja mais em www.fgv.br/gvexecutivo